

## Apresentação

As reflexões sobre o ensino da literatura entre nós são poucas e, de uma maneira geral, ainda não conseguiram imprimir mudanças significativas na escola brasileira. Nas próprias licenciaturas em Letras não se tem uma prática de pesquisa sobre o ensino e muitos professores acreditam que o ensino é uma questão menor, coisa para “pedagogos”. Mudar o ensino de literatura para torná-lo mais eficiente, fazê-lo um instrumento eficaz na formação de leitores, pressupõe mudar mentalidades arraigadas, metodologias que quase não levam em conta o leitor, fragilidades em suportes fundamentais como bibliotecas e projetos públicos de formação de leitores.

Em meio a tantos problemas, em diferentes pontos do país vão surgindo reflexões, experiências significativas que apontam para novas metodologias. A prova disto é a publicação, em 2006, do importante documento *Orientações Curriculares para o Ensino Médio*, pelo MEC, em que se encontra o texto “Conhecimentos de Literatura”. Neste documento, dentre inúmeras questões colocadas e discutidas, há um destaque para o questionamento no que diz respeito à tradição historicista que impregna o ensino médio.

O dossiê do presente volume da Revista Graphos traz artigos que discutem as relações entre literatura e ensino sobre diferentes perspectivas. Em “Literatura nota dez: a leitura ao alcance do leitor”, **Vera Teixeira de Aguiar** discute critérios de indicação de obras literárias para crianças e jovens, atenta aos estágios do desenvolvimento em que cada um deles se encontra. Para a especialista, “as idades de leitura relacionam-se a interesses diversificados, mas outros fatores também interferem nas preferências literárias do leitor: são as condições ambientais, os apelos de outros objetos culturais, os produtos diferenciados para meninos e meninas, o acesso a uma diversidade de materiais de leitura, os modelos de leitor/não leitor com que cada um convive, a tradição oral de sua comunidade, entre outros”.

**José Hélder Pinheiro Alves** apresenta uma discussão sobre a importância da leitura oral do poema, além de várias sugestões de trabalho para professores, partindo de uma experiência de duas décadas nos ensinos fundamental, médio e superior. Para esse autor, “nosso país, ao longo dos anos vem, quase sempre, importando metodologias, mas sem uma reflexão sobre as especificidades locais, e, conseqüentemente, as necessárias modificações que uma realidade peculiar reclama. Ainda não entendemos que precisamos olhar mais reflexivamente para nossas tradições, nosso modo de ser, para, a partir daí, irmos formulando metodologias adequadas às nossas realidades”.

**Susi Sperber** discute em seu artigo os diferentes “momentos de recepção” tendo em vista que é possível “gostar e mesmo precisar de objetos culturais de naturezas e níveis diferentes e eventualmente opostos entre si, sem contradição de seus critérios estéticos, nem esquizofrenia.” Discute ainda a questão do valor nas obras literárias e afirma: “eliminar critérios de valor na formação do ser humano impede a formação de critérios, o conhecimento de recursos estilísticos (de linguagem), construindo o sofisma de que o valor estético é igual à tradição, enquanto que a indústria cultural equivale à ruptura. O sofisma também leva à indiferenciação entre níveis culturais, entre níveis de qualidade, de informação, estéticos”.

**Maria Marta Nóbrega** apresenta uma importante reflexão sobre a literatura no ensino médio a partir da análise das respostas às questões discursivas do vestibular de

alunos de um “cursinho”. A autora acredita que, “ao vivenciar uma efetiva leitura literária, o indivíduo é estimulado a dialogar e socializar suas experiências, discutindo com outros leitores suas surpresas e decepções, acarretando a possibilidade de que essas atividades de reflexão não se encerrem no final da leitura ou da aula mas que adquiram o sentido concreto que precisam ter fora do texto e da escola”.

**Márcio Serelle** discute as relações entre linguística e crítica literária, com base nas idéias de Freeman (2007). Serelle afirma que as abordagens do crítico e do linguística diferem pois “o primeiro parte da análise desse trabalho com a língua para justamente tentar tocar aquilo que não pode ser expresso por ela; o segundo, quando possui o texto literário como objeto, se interessa pela apreensão da literariedade como fenômeno, pelos meios e operações que resultam nessa construção na mente humana.” E conclui: “o que a linguística pode aprender com os estudos literários, diria que quase nada em relação àquilo que foi sedimentado, no interior do campo, como teoria própria (teoria literária), mas muito se quiser incluir, na visada científica, as noções de mobilidade, indeterminação e surpresa que toda fala literária, “aparentemente anárquica” – a expressão é de outro verso de Paulo Henriques Britto – encerra e sobre as quais cabe à crítica, na mesma chave, refletir.”

**Maria de Fátima Almeida** apresenta no seu texto um apanhado das correntes de pensamento que abordam a construção dos modos de ler. Discute ainda alguns resultados de pesquisa realizada com alunos e professores do sexto ano do ensino fundamental, e conclui que “A perspectiva de linguagem enquanto interação permitiu não só que os estudos lingüísticos enveredassem por diferentes direções, mas também que o processo educacional, especialmente, os estudos da leitura tomassem novo impulso.”

**Maria Valdenia da Silva** apresenta uma experiência com crônicas de Cecília Meireles realizada com alunos do ensino fundamental. Ao privilegiar um método que estimula o diálogo texto-leitor, a autora mostra como os jovens leitores são capazes de construir sentidos e não apenas responder a questões, como ocorre em livros didáticos em geral. A autora constatou que “pouco a pouco, esses leitores foram se desprendendo de comportamentos de leitura passivos diante do texto, aprendendo com as experiências de leitura a libertar a voz, para junto com os colegas, dar sentidos aos textos como co-autores e não apenas como recebedores de sentidos legitimados por outros”.

O presente Dossiê pretende ser um incentivo para que mais pesquisadores se debruçam sobre as problemáticas questões de ensino de literatura e uma contribuição para aqueles que estão no cotidiano da sala de aula do ensino básico.

*José Helder Pinheiro Alves*  
*Ana Cristina Marinho Lúcio*